

Luciéle Bernardi de Souza¹;

Luciane Bernardi de Souza²;

Sonia Inez Gonçalves Fernandez³

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Santa Maria – Brasil

lucielebernardi@gmail.com

Resumo: O presente artigo procurou discutir o fenômeno da recepção da obra literária *Dois corpos que caem* a partir de conceitos apresentados pela Estética da Recepção, teoria cujos principais representantes são Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. No estudo foram analisados os principais processos de recepção envolvidos nas leituras da narrativa do escritor João Silvério Trevisan, ressaltando o papel do leitor, elemento que faz parte da obra. Os resultados deste trabalho procederam da análise de leituras realizadas por alunos pertencentes ao projeto de extensão “Ler e Contar, Contar e Ler” da UFSM no primeiro semestre do ano de 2011.

Palavras-chave: Leitor ideal. Leitor empírico. Estética da Recepção. Leitura.

Abstract: This paper aimed at discussing the phenomenon of literary reception. Two bodies falling from concepts presented by the Aesthetics of Reception, theory whose principal representatives are Robert Jauss and Wolfgang Iser. The study analyzed the main processes involved in receiving readings of the story of the writer John Silverio Trevisan, highlighting the role of the reader, an element that is part of the work. The results of this study undertook the analysis of readings by students belonging to the extension project "Ler e Contar, Contar e Ler" UFSM in the first half of 2011.

Keywords: Ideal reader. Empirical reader. Aesthetics of Reception. Reading.

1. Introdução

O leitor, em toda a história da crítica literária, sempre fora um elemento que permanecera à margem dos estudos realizados por esta crítica. A partir do início dos anos 60, com o surgimento da Escola de Constança na Alemanha, é que o leitor, elemento tão importante no processo de constituição do fazer literário começa a ganhar

¹ Autora-Acadêmica do curso de Letras Português da Universidade Federal de Santa Maria/ Bolsista FIEIX 2011.

² Co-autora- Acadêmica do curso de Letras Português/ Espanhol da Universidade Federal de Santa Maria/ Bolsista Prolicen 2011.

³ Orientadora -Professora Adjunta I do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria-RS.

evidência para alguns críticos, e sair da obscuridade em que se encontrava. Desse modo, as últimas décadas do século XX foram determinantes para que os estudos a cerca do leitor começassem a trazer à tona questionamentos e concepções literárias pouco estudadas até então ou desconhecidas pela maioria dos teóricos. Conceitos utilizados pela Estética da Recepção como: recepção literária, leitor, horizonte de expectativas, dentre outros, passam a ser o foco de estudo no campo da teoria literária contemporânea.

Sobre a importância do leitor em contraponto com o autor, ou mesmo a própria obra, o teórico literário Terry Eagleton (1989) versa sobre o significado de uma obra literária que intrinsecamente não se esgota nas intenções de seu autor quanto à produção dela, pois, quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novos significados oferecidos pelo leitor podem ser extraídos dela, e é provável que eles nunca tenham sido nem imaginados pelo seu autor ou pelo público contemporâneo a ele. Portanto, o escritor ou produtor do texto, nunca sabe exatamente qual é o perfil exato do leitor que lerá seu texto, hipoteticamente apenas deduz esse perfil. Roland Barthes, sobre o autor, afirma categoricamente:

“Como instituição, o autor está morto: sua pessoa civil, passional, biográfica, desapareceu; desapossada, já não exerce sobre sua obra a formidável paternidade que a história literária, o ensino, a opinião tinham o encargo de estabelecer e de renovar a narrativa.” (1996, p. 39)

Nem obra nem autor desempenham contemporaneamente a importância que exerciam em relação aos demais componentes da prática literária. Para a Escola de Constança, a obra literária não é mais, e apenas, um artifício trabalhado verbalmente, mas sim um objeto decorrente de uma série de procedimentos tanto técnicos como estéticos, que gera um determinado efeito no seu receptor e que deve, através de inúmeros fatores externos e internos a obra, buscar os níveis de significância que a mesma pode compreender. O conhecimento trazido pelo leitor, em relação ao processo de leitura da obra, tem grande importância na produção de um sentido para a mesma, pois, o texto literário, até o momento considerado em sua materialidade textual apenas como algo estruturalmente fechado, ganha a dimensão de uma “obra aberta” que é concretizada somente a partir do ato da leitura, como Umberto Eco já havia afirmado.

Desse modo, procuraremos enfatizar neste trabalho como ocorre a recepção do texto literário denominado *Dois corpos que caem*, quais são os fatores mais relevantes

na recepção do mesmo e de que maneira os diferentes leitores (“leitor implícito” e “leitor real”) se manifestam no mesmo.

2. Revisão da Literatura

A base teórica deste trabalho é formada essencialmente por conceitos formulados por pensadores que pertenceram à escola de crítica literária denominada Escola de Constança, escola cujo principal aporte teórico prioriza o leitor, elemento essencial do fazer literário e da concretização da obra através da leitura.

Surgida na Alemanha da década de 60, esta Escola trouxe uma nova visão em torno do fato literário, fomentando questionamentos primários como a da própria estética, que por muito tempo fora vista meramente como uma *apresentação* histórica da arte (obras e autores). Esta dimensão trazia em relação às três funções vitais da arte (produção, recepção e comunicação, direcionadas pelo prazer estético) o lado produtivo como o mais importante, em detrimento do receptivo e comunicativo, transmitindo desse modo, o produto já objetivado.

Anterior ao surgimento da Escola em questão, a literatura e as críticas literárias voltavam-se essencialmente para a figura do autor ou da obra literária, sendo estas responsáveis pela construção primordial do sentido “verdadeiro” da mesma. Tal contexto de apreciação da obra expressava a manutenção de práticas literárias que iam ao encontro dos valores sociais predominantemente conservadores desta época específica. Este cenário que provocava a anulação da tentativa de subversão de muitos valores, desconsiderava o fato de que o autor, segundo a crítica, poderia pertencer a uma escola ou formalista, ou estruturalista, ou ainda a escolas vinculadas a correntes analíticas mais específicas (psicológica, sociológica, econômica), o que acabava culminando em uma visão muitas vezes restrita da obra, pelo fato de nenhuma delas considerar a importância do leitor no processo de construção do sentido da mesma.

Hans Robert Jauss (1979) postula que uma obra literária só passa a existir enquanto obra de arte, quando é atualizada, no momento em que é lida. Ideia que também é considerada pelo teórico Terry Eagleton, pois ele afirma que textos literários “não existem nas prateleiras das estantes: são processos de significação que só se materializam na prática da leitura. Para que a literatura aconteça, o leitor é tão vital quanto o autor” (1989, p.80). É, portanto, no contato do leitor com o texto que a obra se concretiza, sendo que, conforme o leitor vai lendo, vai concomitantemente construindo perspectivas que são a princípio oferecidas pelo próprio texto e, de acordo com suas

próprias vivências enquanto ser humano realiza adaptações em relação ao sentido da obra, muitas vezes negando ou reelaborando o processo de compreensão e interpretação nas diferentes vezes em que se depara com ela. A relação entre sentido atribuído e leitura não é mais pensada como algo estático ou já estabelecido, mas sim algo que está em constante transformação e circulação.

Destacamos então, que leitor e autor exercem papéis de igual relevância perante um texto literário, o segundo deve apontar para o primeiro as “lacunas” estruturais para que este as encontre, sendo que o segundo não tem como “controlar” as diferentes recepções que seus leitores obtêm do texto, e isso corrobora para a existência de diferenciadas interpretações e atribuições de sentido de um mesmo texto.

Para entendermos melhor como uma obra literária pode ter várias leituras através de sua “abertura”, o literário Garcia Barrientos apresenta a existência de uma literatura com um “carácter polisémico” (1996, p.56) no sentido de uma obra literária estar sujeita a tantas interpretações diferenciadas quanto o número de leitores que as realizam.

Sobre o prazer, o texto literário e o leitor, o teórico Roland Barthes em sua obra *O prazer do texto* (1996) apresenta particulares conceituações de fruição e prazer que o texto literário proporciona ao seu leitor, realizando a distinção entre o chamado “texto de prazer” e “texto da fruição”. O primeiro conceito de texto, é “aquele que contenta, enche, dá euforia” (p.21), que o autor arquiteta com o intuito de satisfazer as expectativas que o leitor almeja. Tal texto possibilita e origina no leitor sensações agradáveis de comodidade, certo bem-estar, felicidade e gozo, sendo, portanto aquele texto que vem da cultura, e que não “rompe” com ela por estar diretamente ligado a uma prática confortável de leitura. Já o segundo, é aquele texto que induz o leitor a ter sensações desconfortáveis, derruba e desconstrói no leitor suas bases formadoras: psicológica, cultural, social, etc., que o leva a enfim questionar estas bases e visão de mundo, sendo, portanto o tipo de obra que gera “estranhamento” e que literalmente “faz entrar em crise sua relação com a linguagem” (p. 22). Como Barthes, a teórica literária Regina Zilberman, sobre a experiência estética, o contato do leitor com a obra, o prazer e fruição, afirma a respeito do também importante papel da compreensão do leitor sobre o que o mesmo lê:

Partindo da idéia de que a experiência estética possui de antemão um componente cognitivo, a teoria estética recepcional reivindica a partir das noções de fruição compreensiva e compreensão fruidora, que “só se pode gostar do que se entende e compreender o que se aprecia” (1989, p. 53).

Como Barthes, um dos elementos investigados pelo já mencionado teórico alemão Hans Robert Jauss (1979) é o prazer, ponto-chave no estudo da recepção literária e que o mesmo nomeia como *katharsis*. Para o autor, a arte “liberta”, transforma, gera sensações e sentimentos, em decorrência da experiência estética que proporciona ao leitor e que segundo o teórico torna-o “emancipado”, pois a mesma abarca três atividades distintas que se relacionam entre si e ocorrem de maneira simultânea: a *poesis*, a *aisthesis* e a *katharsis*. Estes três conceitos são importantes, porém, o da *katharsis* é o que mais nos interessa neste trabalho. A *katharsis* se refere ao prazer advindo da recepção geradora de uma espécie de revelação motora que faz o leitor reagir (ao choro, ao riso, ao desprezo, à empatia, à raiva, etc.) em relação ao texto, levando o leitor a sensibilizar-se ou não, e desenvolvendo nele uma capacidade de reflexão em relação a sua realidade e sua condição, fazendo com que a partir deste momento ocorra uma alteração de sua visão de mundo, afetando tudo que o cerca e o atinge de alguma maneira enquanto ser humano.

Hans Robert Jauss também nos traz o conceito de “horizonte de expectativas”, conceito que nos ajuda a compreender a atribuição de significações e sentidos dos leitores na narrativa *Dois corpos que caem*. O horizonte de expectativas de um leitor é composto por um esquema referencial que o mesmo tem de conhecimentos prévios em torno da obra e das experiências vividas que traz para o encontro com o texto. Os elementos formadores do horizonte de expectativa (social, intelectual, ideológico, linguístico, etc.) se moldam, ou são regidos por pressupostos culturais que estão presentes em qualquer ato de leitura. Constantemente sendo alterado por elementos que o texto oferece em sua estrutura, e que podem fazer com que o leitor rompa com suas expectativas mudando (ou não) suas projeções até então estabelecidas por outras experiências de leituras, o horizonte de expectativa de um leitor é completamente plástico, mutável. As ações projetivas dos leitores são comandadas (segundo Iser) pelos “vazios” ou lacunas que o texto oferece, além de outros fatores.

O texto ao formar-se por linguagem, significações e sentidos, constitui-se literariamente como um lugar minado de vazios possibilitadores de uma comunicação com o leitor e concomitantemente a efetivação da obra literária. Com a presença de diversos “vazios” e diferentes leitores a preencher estes mesmos, resultarão estes preenchimentos em inúmeras e variadas representações advindas do horizonte de expectativas dos mesmos, experiências empíricas, imaginação e sensibilidade.

Roman Ingarden (1965) afirma que: “a obra é possuidora de pontos de indeterminação e de esquemas potenciais de impressões sensoriais” (p. 47) elementos estes, retomados pelo teórico Wolfgang Iser em seus escritos, de modo que para ele, a construção textual (realizada pelo autor) é projetada para que o receptor preencha as lacunas (atividade catalisadora), que podem ser caracterizadas como informações necessárias para a compreensão e completude da obra literária. A definição de “vazios” por Iser, e suas contribuições para respaldar as diferentes formas de leitura pelos leitores é:

Os vazios e as negações contribuem de diversos modos para o processo de comunicação que se desenrola, mas, em conjunto, têm como efeito final aparecerem como instâncias de controle. Os vazios possibilitam as relações entre as perspectivas de representação do texto e incitam o leitor a coordenar estas perspectivas. Os vários tipos de negação invocam elementos conhecidos ou determinados para suprimi-los. (1979, p. 91)

O conceito de “vazios” é de grande importância para este trabalho, pois auxiliará na compreensão das leituras do conto realizadas por participantes do projeto “Ler e Contar, Contar e Ler”, estas, que serão analisadas no decorrer deste estudo, conceito este, de igual importância aos de leitor implícito e leitor real.

Segundo Garcia Barrientos (1996) o leitor é quem torna efetiva a comunicação literária, no sentido de que a literatura se realiza em sua completude somente no momento em que o leitor lê a obra. Porém, o autor alerta que não basta a simples leitura “el simples acto de leer” (p.54) mas, é necessário que o leitor tenha discernimento sobre o que é lido, os valores que o texto possui em estado latente, e só manifestados através do contato com o leitor.

Em razão disso, o estudioso nos apresenta a conceituação de leitor modelo ou “lector implícito”, conceito este trazido primeiramente por Wolfgang Iser, e sendo denominado como uma categoria intermediária entre o leitor literário e o real, é o leitor (hipotético) que contém uma série de requisitos (léxico, temática, referências culturais, gramática) solicitados pela materialidade do textual (consolidado no texto) e consequentemente determinados pelo autor, cuja funcionalidade é conseguir o efeito desejado. Este leitor é apresentado por Barrientos com os seguintes termos: “el lector implícito es la instancia capaz de ‘realizar’ las intepretaciones legitimables, capaz incluso de llenar los huecos, los ‘espacios em blanco’ del texto” (p.60), leitor este que possui uma competência legítima que o leitor real pode eventualmente não possuir. Já o “leitor real” (empírico), é aquele que lê efetivamente o texto, é tido como universal, na

medida em que em diferentes níveis de leitura, pode reconhecer questões ontológicas presentes em toda a obra considerada clássica.

Wolfgang Iser (1996) também conceitua o leitor implícito, como sendo aquele leitor que “proporciona o quadro de referências para a diversidade de atualizações históricas e individuais do texto, a fim de que se possa analisar sua peculiaridade” (p.34). Ao contrário do leitor implícito, o leitor real é apontado por Hédio de Seixas Guimarães, em seu estudo sobre os leitores em Machado de Assis, como sendo o leitor que, em suas palavras:

“(...) está implicado no ato da escrita e participa da estrutura interna do texto que, por definição, sempre tem uma intenção de estabelecer comunicação, ainda quando afirma a precariedade ou a impossibilidade da comunicação ou quando ironiza o leitor, buscando antes sua reação e não necessariamente seu assentimento” (2004, p.43).

3. Metodologia

Resultante de um recorte das implicações parciais do projeto de extensão “Ler Contar, Contar e Ler” que, iniciado no ano de 2010, tem a cada semestre, inúmeros participantes, sendo que no primeiro semestre de 2011, cujos resultados presentes neste trabalho derivam deste período, contou com o número de 15 participantes. Atualmente o projeto segue suas atividades com o auxílio do Fundo de Incentivo à Extensão (FIEEX) e do Laboratório de Línguas (LABLIN), ambos pertencentes à Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo principal do grupo de discussão é, em síntese, verificar como ocorre a recepção do gênero conto pelos participantes e como os mesmos realizam as diferentes leituras dos diversos textos selecionados pelas monitoras do grupo que também estimulam o intercâmbio de impressões, projeções e interpretações face aos textos lidos.

Resultante do projeto acima citado, o grupo de discussão proporciona a comunidade acadêmica um espaço que leva o participante mesmo a refletir sobre suas próprias impressões de leitura, sem aprisionar-se ou questionar-se se a mesma é “correta” ou “equivocada”, dicotomia resultante do fechamento da interpretação do texto literário e muito aplicada nas escolas bem como na própria universidade. A quebra desta prática dicotômica resulta em uma exposição da interpretação do texto de forma livre e sem “cortes” proporcionando ao indivíduo a criação de seu próprio discurso em relação ao texto lido.

Com um perfil que é caracterizado pela grande maioria estar frequentando curso de graduação na instituição, os participantes são em sua maioria estudantes de Letras ou já formados neste mesmo curso. Neste artigo, serão usados apenas três discursos de participantes, visto que há a leitura de um só conto, esta restrição facilita a organização de relação entre leitura e elementos teóricos que são realmente significantes e o trabalho se caracteriza por ser fruto de um recorte.

Nos encontros realizados pelo grupo, priorizou-se sempre o não direcionamento dos participantes quanto à realização de uma leitura já “construída” do texto literário, leitura essa, que atribui um sentido já “pronto” ao mesmo não permitindo a abertura da plurisignificação intrínseca à obra. Tendo em vista o leitor, procurou-se averiguar no decorrer dos encontros como se estabelece a relação do mesmo frente ao texto, verificando a atribuição de diferentes significações e sentidos pertinentes a uma mesma obra de acordo com a leitura individual de cada leitor, pois, de acordo com Leonardo Boff :

“Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde... os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão do mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”(2000, p. 9-10).

Com base nas intenções do projeto apresentado anteriormente, este trabalho tem como objetivo expor alguns resultados parciais sobre o modo como os alunos realizaram a recepção da narrativa intitulada *Dois corpos que caem* do escritor contemporâneo João Silvério Trevisan, a partir das discussões do conto realizadas no encontro do dia 13/05/2011.

Ao instigar o leitor a não ser passivo diante da recepção do texto, fazendo-o interagir com ele na busca de sentidos para o mesmo e construindo significações através de sua vivência empírica e da materialidade linguística presente na obra, o sentido do movimento realizado entre leitor-texto torna-se circular e dialógico. De acordo com Terry Eagleton, pontos de referência cultural geram significações individuais, e:

“as significações variam ao longo da história, já os sentidos permanecem constantes; os autores dão sentido as suas obras, enquanto os leitores lhes atribuem significações” (1989, p.73).

Para corroborar com esta afirmação de Terry Eagleton, confirmando a relação dialógica entre texto-leitor, primeiramente os leitores realizaram uma leitura individual e subjetiva do texto *Dois corpos que caem*, e trouxeram para o grupo suas primeiras impressões de leitura, onde as mesmas puderam ser discutidas por todos. Após esta

discussão, podemos verificar as mudanças ou reafirmações evidenciadas no discurso oral dos participantes em relação as suas primeiras significações e sentidos atribuídos ao texto. Soma-se a isso, a análise dos questionários pós-leitura preenchidos pelos leitores.

4. Resultados e discussão

O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quanto quisesse, e a obra enquanto objeto jamais viria à luz: só lhe restaria abandonar a pena ou cair no desespero. Mas a operação de escrever implica a de ler, como seu correlativo dialético, e esses dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos. É o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito. Só existe arte por e para outrem. (SARTRE. 1984, p. 36-37)

Como Jean Paul Sartre afirma, é importante atentarmos ao fato de que o leitor, na medida em que realiza sua leitura torna-se um elemento tão fundamental para a concretização da obra literária tanto quanto o autor. O contato do texto-leitor só efetiva-se no momento em que tanto os horizontes do texto como os do leitor encontram-se em harmonia, ou no caso, são fundidos. O leitor, de acordo com Hans Robert Jauss traz vivacidade, pois transforma a obra literária em algo dinâmico, no sentido de que esta obra pode tomar diferentes significações de acordo com as diferentes épocas e diferentes leitores por qual é recebida, fato este exposto por Eagleton (1989):

“É claro que os leitores não se encontram com os textos no vácuo: todos os leitores estão social e historicamente situados, e a maneira pela qual interpretam as obras literárias será profundamente condicionada por esse fato” (p. 89)

Segundo o teórico Hans Robert Jauss, a experiência estética e a busca de sentido da obra literária são elementos distintos que circundam a leitura de um texto, e que não devem ser considerados sinônimos, na medida em que o primeiro não está subordinado ao segundo, mas é dada essencialmente pelo efeito que o texto provoca no seu leitor, delimitando assim o caráter artístico do texto literário que varia de acordo com o estranhamento que o leitor tem ou não em relação à obra.

GarciaBarrientos (1996) aponta que o autor de uma obra deve trabalhar o texto de modo que consiga obter de seu leitor um efeito estético, sendo que este varia de acordo com o gênero literário da obra e o público a qual está destinada, de modo que o último também determina as normas artísticas e o grau de valoração da mesma, desta forma, a escolha do gênero literário conta para as leituras e posteriores discussões

realizadas no grupo, deu-se em razão do mesmo possuir características que o particularizam pelo efeito imediato que causam no seu leitor e que desse modo facilitam a análise da recepção, principal elemento analisado neste trabalho. O teórico e contista norte-americano Edgar Allan Poe acredita que o “efeito” é resultado da brevidade e intensidade que o conto proporciona ao leitor, onde segundo ele, somente o breve, o efêmero, pode ser intenso.

Nossa escolha quanto ao gênero narrativo também é justificada devido ao mesmo possuir segundo o escritor Julio Cortázar, a “unidade de efeito”, que pode ser definida como a capacidade que o conto possui de ser “capaz de atuar no leitor como uma espécie de abertura (...) em direção a algo que vai muito além do argumento literário contido no conto” (2006, p.152).

Devido a estes elementos caracterizadores de um gênero tão polêmico em sua definição, mas com tão grande apreço pelos leitores contemporâneos, é que escolhemos para a leitura e discussão, dentre tantas narrativas, o conto *Dois corpos que caem*. Não faremos aqui uma análise literária da obra, porque nosso objetivo não é dar um sentido ao conto ou lê-lo a luz de alguma teoria do conto ou da narrativa em geral, mas sim, verificar na pluralidade de leitores, cada recepção em particular e como conceitos relativos à teoria da Estética da Recepção podem contribuir para entendermos melhor a relação obra-leitor.

O conto em questão intitulado *Dois corpos que caem* do escritor João Silvério Trevisan, narrado em terceira pessoa por narrador onisciente intruso, traz a história em forma de diálogo de dois desconhecidos (Antonio e João) que resolvem se suicidar atirando-se de um prédio, e que durante a queda acabam dialogando sobre questões filosóficas.

A leitura deste conto pelos participantes do grupo deu origem a registros orais e escritos. Estes registros serão analisados seguindo algumas questões que acreditamos serem de grande relevância para que possamos compreender o processo de recepção da obra literária. Pois, como Hélio de Seixas Guimarães (2004) afirma sobre o ato recepcional, devemos: “(...) entender a recepção o texto literário não como fim de um processo, nem como algo externo ao texto e independente de sua produção, mas como algo do mundo objetivo que participa do processo de realização da obra” (p.39).

Acreditamos que os conceitos que merecem um destaque maior nesse trabalho são: efeito primário provocado pela leitura, a construção do sentido da obra, os dois tipos de leitores que a obra suscita, os vazios presentes na estrutura do texto e o

horizonte de expectativas do leitor, estes, já conceituados anteriormente neste mesmo trabalho.

A primeira leitura é o momento em que o leitor pequenas considerações referentes ao texto. Exposta ao grande grupo, a troca de impressões de leituras com os outros participantes vai se desenvolvendo ao mesmo tempo em que o indivíduo vai alterando suas possíveis leituras, assim como também as ratificando, o que gera muitas vezes situações de dúvida e conflito a respeito de sua primeira leitura.

Esta experiência estética apontada por Jauss é visualizada na fala dos participantes através do efeito provocado pelo texto após a leitura apontado em sensações como: angústia, ansiedade e dúvida. Lembrando sempre que o efeito é algo condicionado do texto para o leitor, já a recepção do mesmo é condicionada pelo leitor, somados estes elementos, origina-se o sentido do texto. Estas impressões, de acordo com Jauss, devem ser consideradas, pois estas são as sensações ou sentimentos que permearam toda a leitura direcionando a construção de sentido do texto, por mais que ao final da discussão realizada com o restante do grupo a significação e sentido atribuído em um primeiro momento ao texto, mudem completamente.

Um dos alunos, denominado aqui como leitor C, julgou os diálogos “geniais” e “realistas”, identificando-se com a “sinceridade” da fala dos personagens e julgando-os “naturais”, o que demonstra e justifica a empatia do mesmo com a narrativa. Em relação a elementos extralinguísticos formadores do horizonte de expectativa deste mesmo leitor, foram feitas alusões ao título filme *Corpo que cai* do diretor Alfred Hitchcock, em razão da semelhança com o título do conto. Porém o leitor C não encontrou outros elementos que justificassem essa ligação, mas, essa mesma ligação, estabelecida no início da leitura fez com que o leitor tivesse uma expectativa prévia de temática semelhante filme-conto, o que não se cumpriu no decorrer da leitura. Deste modo ocorreu uma quebra do horizonte de expectativa do leitor alterando assim o mesmo. Jauss, sobre a relação externa e interna do texto com o leitor, pondera:

Assim como em toda a experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um ‘saber prévio, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial’. (JAUSS, 1994, p. 28)

Aspecto que despertou a atenção dos leitores B e C foi a sensação de urgência na linguagem e ansiedade que o texto traz, fazendo com que o leitor sinta (a mesma sensação) dos personagens que caem. A estrutura do texto literário, que formado por

diálogos fez com que a leitura e a recepção primeira dos leitores fosse absorvida facilmente, vai ao encontro da rapidez e espontaneidade do tema principal, indicado pelos leitores, como sendo o sentido da vida questionado em um ambiente cosmopolita.

Para uma melhor compreensão de leitura feita pelos leitores A, B e C, acreditamos que uma pequena análise individual do processo de recepção de cada participante é necessária.

O primeiro leitor, intitulado leitor A, faz o seguinte relato sobre o efeito que o texto lhe proporcionou: *“me causou um efeito de inquietação reflexiva.”* Esta afirmação vai ao encontro do que a Estética da Recepção prioriza. De acordo com Jauss, a experiência estética não deve ter início através de uma compreensão e/ou interpretação do sentido de uma obra ou intenção de seu autor, mas sim, deve-se considerar inicialmente a experiência primária ou efeito, diferentemente da hermenêutica pela qual o texto deve ser inicialmente interpretado. O mesmo leitor também afirma que: *“(…) os diálogos são extremamente ricos quanto à mensagem existencial da vida. Dois corpos que caem casa conteúdo e forma ao afirmar que a morte e o amor continuam um mistério. Isso é realizado em uma ligação profunda com o abismo que eles caem. São apresentadas definições brilhantes de amor, mistério e morte em um curto texto.”* Aqui verifica-se uma ênfase na temática e estrutura do conto. De acordo com a afirmação do leitor pode-se constatar que o mesmo não possui um horizonte de expectativas concretizado em relação ao gênero literário em questão, pois, sua fala revela um estranhamento em relação ao texto, ao afirmar que o mesmo é curto não podendo, por conseguinte, conceituar ou discutir questões tão profundas em um tipo de narrativa “limitado” estruturalmente, argumento refutado na medida em que uma das principais características do conto é ser intenso e ao mesmo tempo, condensado.

O segundo leitor, leitor B, afirmou sobre o conto: *“Primeiramente o conto causou um efeito positivo, pois à medida que acontece a leitura, o leitor prende-se ao diálogo dos personagens.”* Este leitor, ao contrário do anterior, possui um horizonte de expectativa que abarca um conhecimento quanto ao gênero conto, pois, descreve como e intensamente o conto provocou uma empatia com o leitor, de maneira intensa e rápida. *“É um tanto interessante, pois é incompreensível que duas pessoas possam estabelecer um “longo” diálogo (nesse contexto) durante uma queda suicida. Dessa forma, o leitor sente-se atraído pela velocidade do conto.”* Através desta fala, fica explícito que o leitor, mesmo sem ter a consciência da existência de “vazios” conceituados por Iser, faz com que os mesmos suscitem dúvidas referentes ao

“interessante” (apresentado pelo leitor), de que estes vazios não são preenchidos e colocam-se frente ao leitor para um preenchimento que não se efetiva aqui, mas que causa um efeito inconsciente no leitor.

Quanto maior a qualidade estética de uma obra, mais “vazios” poderão ser encontrados no tecido textual da mesma e mais plurissígnica e relativa é a sua linguagem, fazendo com que o leitor tenha a possibilidade de interagir ainda mais com a obra. Segundo Regina Zilberman (1989), o estranhamento leitor-texto pode ocorrer em decorrência de dois fatores: ou em relação à temática, ou quanto à linguagem, que foi o que constamos respectivamente na recepção destes dois leitores. Porém, averiguamos que apesar do estranhamento, houve identificação com o texto, e que cada indivíduo priorizou um aspecto de identificação com o mesmo.

Segundo Garcia Barrientos (1996) há um leitor que é solicitado pela obra de arte, o leitor ideal, que faz com que o esquema (virtual) do texto funcione completamente, é ele que é capaz de fazer relações diretas com os mecanismos extralingüísticos solicitados pelo texto, leitor este que se faz presente quando concretiza um preenchimento de vazio, relacionado aqui com a temática do conto e com o filósofo Friedrich Nietzsche considerado niilista. O relato do leitor A que respalda esta afirmação é o seguinte: *“Houve aproximação com Dois corpos que caem pela temática existencial e pelas citações implícitas de Nietzsche”* este leitor refere-se a paráfrase “Que a razão tem demônios que a própria razão desconhece” (p.580) da frase “O amor tem razões que a própria razão desconhece” do filósofo Friedrich Nietzsche. Outro tipo de leitor conceituado é denominado leitor real, sendo este, aquele leitor que através de sua leitura acaba “atualizando” (Jauss, 1979) a obra, por meio de aspectos linguísticos e extralingüísticos, e que muitas vezes não consegue preencher todos os vazios que o texto apela.

O leitor precisa possuir, além da competência sintática, semântica e textual, uma competência específica da realidade histórico-social refletida pelo texto, somada a sua realidade. Para seu encontro com o texto, traz consigo distintos conhecimentos que interferem de forma direta na recepção. Os conhecimentos prévios do leitor, que aqui são direcionados para uma análise atenta da linguagem e da estrutura, quando frente a um texto literário são “ativados” e relacionam-se diretamente ao ato da leitura, enriquecendo-o.

Podemos constatar através dos apontamentos dos leitores, que é presente, um estranhamento em relação à temática decorrente da estrutura do conto, como é o caso do

leitor B: “o *estranhamento* que ocorreu foi em relação à temática ou o próprio desenrolar da história, haja vista que é incompreensível que duas pessoas estabeleçam um diálogo dessa complexidade e duração, num curto espaço de tempo”. Com este relato, fica evidenciado o estranhamento decorrente da estrutura e um desconhecimento do limite entre a realidade da ficção e a realidade empírica do leitor.

A troca de impressões e buscas de sentidos diferenciados converge para uma plurisignificação já presente no texto e buscada por todos os indivíduos que, através de suas exposições tentam demonstrar por meio da estrutura e materialidade do texto, somadas a suas experiências empíricas, a razão de suas impressões, compreendendo desse modo como o leitor construiu suas significações e sentidos no decorrer da leitura. Tal processo respalda a importância da leitura a princípio individual, e posteriormente a leitura e discussão realizada coletivamente.

No possível impacto produzido pela obra, seus conceitos são ou não reavaliados e revistos, de modo que o leitor não sai da leitura da mesma maneira que a iniciou. Para Jauss, esse é o caráter emancipatório que a obra de arte gera no seu receptor, que a partir do contato com a mesma passa a compreender a realidade a sua volta de maneira diferenciada. O teórico e escritor argentino Julio Cortázar, nos apresenta uma definição a respeito do resultado desse contato obra-leitor:

“De um conto assim se sai como de um ato de amor, esgotado e fora do mundo circundante, ao qual se volta pouco a pouco com um olhar de surpresa, de lento reconhecimento, muitas vezes de alívio e tantas outras de resignação” (2006, p. 231).

De acordo com os dados analisados sobre as diferentes leituras possíveis através do preenchimento de vazios pelo leitor, o autor Terry Eagleton reforça a tese de que:

“O significado não é apenas uma coisa “expressa” ou “refletida” na linguagem- mas sim é *produzido* por esta linguagem. Não se trata de já possuímos significados, ou experiências, que em seguida revestimos de palavras; só podemos ter os significados e as experiências porque temos uma linguagem na qual eles se processam. Isso sugere, além do mais, que nossa experiência como indivíduos é social em suas raízes, pois não pode haver nada como uma linguagem particular, e imaginar uma linguagem é imaginar toda uma forma de vida social” (1989, p.66).

É importante destacar que embora todo o texto literário abarque uma gama de plurisignificações e sentidos possíveis de acordo com a leitura particular de cada leitor, atentamos que as hipotéticas leituras estão dentro de certos limites que o próprio texto apresenta em sua materialidade linguística, o que significa, portanto, que cada leitura está de certa forma condicionada a alguns limites oferecidos pelo próprio texto, ficando

a cargo do leitor saber identificar os limites do mesmo. Portanto, alertamos que as inúmeras leituras e atribuições de sentidos diferenciadas de uma mesma obra são sim possíveis, porém sem idiosincrasias e autoritarismos por parte do leitor sobre o sentido de um texto, leitor este, que agora se coloca numa posição de igualdade com a obra e o autor.

Desse modo, o leitor A, por exemplo, salienta a temática existencialista e o mistério da humanidade que a narrativa trata, estabelecendo intertextualidades com a Filosofia e apresentando empatia com o texto. O leitor B estranhou a temática, e principalmente a forma como a mesma é apresentada através gênero conto, embora este estranhamento não tenha gerado uma apatia ou distanciamento para este leitor. Por fim, o leitor C identificou-se com a temática da obra, sempre atentando para o efeito do texto e estabeleceu relações externas ao mesmo, bem como suscitou questões pontuais referentes ao suicídio e o livre-arbítrio, diferentemente da leitura dos outros participantes.

Embora nesta análise, os três leitores de *Dois corpos que caem* tenham leituras relativamente parecidas, na medida em que apontam elementos similares de significação, cada um partiu de um efeito e elemento para construir o sentido e estabelecer a comunicação com o texto.

5. Conclusão

Neste trabalho analisamos o ato da recepção literária no conto *Dois corpos que caem* por alunos pertencentes ao grupo de leitura e discussão de contos “Ler e Contar, Contar e Ler”. Para tal, utilizamos o escopo teórico da Estética da Recepção, onde encontramos elementos conceituais como leitor empírico e leitor real, horizonte de expectativa, vazios e primeiras impressões, dentre outros, que sustentaram a possibilidade de diferentes leituras realizadas pelos participantes, corroborando para a valorização do leitor, foco deste estudo.

O ato de interação com o texto literário só ocorre com a participação do leitor, no sentido de que o leitor não somente extrai um significado trazido com o próprio texto, mas também lhe atribui significados. É importante reafirmarmos que diversas leituras podem ser feitas sobre uma mesma obra, dependendo do critério utilizado pelo receptor, critério este que perpassa todos os elementos que constituem a visão de mundo do leitor que se encontra diante do texto.

Como podemos constatar, Wolfgang Iser concede ao leitor um grande grau de participação na construção de sentido do texto. Segundo o autor, diferentes leitores têm a liberdade de concretizar a obra de diferentes maneiras, não havendo uma única interpretação correta que esgote o seu potencial semântico. Isso, porém é condicionado por uma instrução rigorosa: o leitor deve construir o texto de modo a torná-lo internamente coerente. Coerência esta, que se faz presente nas atribuições de sentido e leituras justificadas pelos leitores de *Dois corpos que caem*.

Diante dos aspectos abordados, inferimos que há diferenças na recepção da obra em relação aos três leitores, e que as mesmas são justificadas, assim como uma mudança no circuito de valorações autor-obra-leitor.

6. Referências

BARRIENTOS, Garcia J.L. **La recepción literaria: el lector**. In: El lenguaje literario. Madrid, 1996.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**, 36 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores. In **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Moderna, 1989.

ISER, Wolfgang. **A interação do texto com o leitor**. In: JAUSS, H. R. et al. (Org.). A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In: COSTA LIMA, L. (org.). **A literatura e o leitor, textos da estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MORICONI, Ítalo. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.